Coleção
Dislexia do Desenvolvimento

Acessibilidade para os Estudantes com Dislexia do Desenvolvimento

ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO SUPERIOR

Pablo Felicio Nepomuceno
Marisa Sacaloski
Clara Regina Brandão De Ávila

Portal da Acessibilidade

UNIFESP

Coleção área da Dislexia do Desenvolvimento

ACESSIBILIDADE PARA ESTUDANTES
COM DISLEXIA DO DESENVOLVIMENTO
ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO SUPERIOR

Volume 1 - 1a edição

Prof. Dr. Pablo Felicio Nepomuceno
Prof.ª Dr.ª Marisa Sacaloski
Prof.ª Dr.ª Clara Regina Brandão De Ávila

Portal da Acessibilidade

UNIFESP

Edição 1.0 2020

Ebook publicado em acesso aberto
sob licença Creative Commons

Atribuição - Não Comercial - Compartilhar Igual CC BY-NC-AS

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam aos autores o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

UNIFESP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

1933

Prof.ª Dr.ª Soraya Soubhi Smaili
REITORA

Prof.ª Dr.ª Andréa Rabinovici
VICE-REITORA

PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS
Prof. Dr. Anderson da Silva Rosa
PRÓ-REITOR
Proa Dra Ligia A. Azzalis
PRÓ-REITORA ADJUNTA

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA
Prof.ª Dr.ª Raiane Patrícia Severino Assumpção
PRÓ-REITORA
Prof. Dr. Magnus R. Dias da Silva
PRÓ-REITOR ADJUNTO

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
Prof.ª Dr.ª Isabel Marian Hartmann de Quadros
PRÓ-REITORA
Prof. Dr. Fernando Sfair Kinker
PRÓ-REITOR ADJUNTO

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Prof.ª Dr.ª Lia Rita Azeredo Bittencourt
PRÓ-REITORA
Prof.ª Dr.ª Karen Spadari Ferreira
PRÓ-REITORA ADJUNTA

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO COM PESSOAS
Prof.ª Dr.ª Elaine Damasceno
PRÓ-REITORA
Prof. Dr. Norberto Lobo
PRÓ-REITOR ADJUNTO

PRÓ-REITORA DE ADMINISTRAÇÃO
Prof.ª Dr.ª Tânia Mara Francisco
PRÓ-REITORA
Prof.ª Dr.ª Georgia Mansour
PRÓ-REITORA ADJUNTA

PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO
Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes
PRÓ-REITORA
Prof.ª Dr.ª Juliana Garcia Cespedes
PRÓ-REITORA ADJUNTA

CÂMARA TÉCNICA DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

Prof.ª Dr.ª Sandra Regina Leite de Campos
COORDENADORA

Marcio Horta
PEDAGOGO

Ivone Georg
PSICÓLOGA

COORDENADORES E VICE COORDENADORES DOS NÚCLEOS DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

Prof.ª Dr.ª Maria Elizete Kunkel
Profa. Dra. Marina Oliveira de Souza Dias
Campus São José dos Campos

Prof.ª Dr.ª. Naiara dos Santos Souza
Campus Osasco

Prof.ª Dr.ª Maria da Conceição dos Santos
TAE Dr.ª. Monica Fernanda Botiglieri Moretti
Campus Baixada Santista

Prof. Dr. Márcio Holosi
Prof.ª Dr.ª Marian Dias
Campus Guarulhos

Prof. Dr. Renato Marcone
Prof.ª Dr.ª Ana Gouw
Campus Diadema

Prof. Dr. Andre Hideki Higa
Prof.ª Dr.ª Amélia Carolina T. A. Machado
Campus São Paulo e Leste

NÚCLEO UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

Prof.ª Dr.ª Gisele Grinevicius Garbe
GESTÃO, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Prof. Dr. Leandro Key Higuchi Yanaze
COMUNICAÇÃO, DESIGN E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Prof.ª Dr.ª Valéria Sperduti Lima
AVALIAÇÃO

Prof.ª Dr.ª Paula Carolei
DESIGN DE ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Prof.ª Dr.ª Izabel Patrícia Meister
DESIGN UNIVERSAL , CONHECIMENTO EM REDE E ABERTO

Prof.ª Dr.ª Cícera A. Lima Malheiro
DESIGN EDUCACIONAL ACESSÍVEL

Rafael Ferreira
TÉCNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS

SUPERINTENDENCIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Me. Lidiane Cristina da Silva
SUPERINTENDENTE DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Me. Ederson Luiz Silva
ANALISTA DE T.I.

INTERNACIONALIZAÇÃO E CONSULTORIA
Prof.ª Dr.ª Daniela Melaré Vieira Barros

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Prof.ª Dr.ª Cícera A. Lima Malheiro

ACESSIBILIDADE

Prof.ª Dr.ª Cícera A. Lima Malheiro
Coordenadora do projeto acessível

Me. Uilian D. Vigentin
Consultor em Acessibilidade

Sumário

Compreendendo a definição de Dislexia **01**

Causa da Dislexia do Desenvolvimento **02**

Características da Dislexia do Desenvolvimento **03**

Avaliação e diagnóstico da Dislexia **06**

Legislação **07**

Ações ao disléxico em casa **09**

Referências **13**

Compreendendo a definição de Dislexia

Em 1896, o médico inglês W. Pringle Morgan publicou no British Medical Journal a primeira descrição do distúrbio de aprendizagem que viria a ser conhecido como "Dislexia do Desenvolvimento". Em seu texto, Morgan apresentou o caso de um menino de 14 anos, inteligente e capaz de responder rápida e corretamente, tarefas cognitivas e de linguagem - com desempenho em nada inferior aos outros de sua idade -, porém incapaz de aprender a ler (SHAYWITZ, 2005).

Desde então, a Dislexia do Desenvolvimento (DD) foi concebida como um quadro caracterizado pelo comprometimento específico e inesperado da leitura e da escrita ortográfica, exigindo diagnóstico e intervenção especializada.

A princípio, a DD poderia ser entendida como um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurobiológica caracterizado por dificuldades na precisão e velocidade da leitura, determinadas por prejuízos do processamento de informações fonológicas da linguagem; essa dificuldade não poderia ser explicada por causas óbvias como déficits sensoriais ou dificuldades cognitivas gerais para a aprendizagem (baixo QI) ou falta de adequadas oportunidades educacionais. A pessoa com dislexia apresentaria um desempenho de leitura discrepante em relação à sua escolaridade e inteligência.

Todavia, a complexidade cognitivo-linguística da comunicação humana, consideradas todas as suas modalidades, e o aspecto multifacetado do aprendizado da leitura e da escrita, impõem dificuldades naturais para diferenciar indivíduos com dislexia de outros com outros problemas de aprendizagem, mais gerais. Essa condição levou a definição que considera apenas as "discrepâncias" apontadas, a ser fortemente questionada (STANOVICH, 1986). Outros estudos verificaram que o efeito do aprendizado da leitura sobre as habilidades verbais - como o vocabulário - e, consequentemente, sobre o QI verbal (e, por extensão, também o QI em escala total) tornaria falho o uso de uma fórmula de "discrepância" baseada na inteligência para definir e classificar diferentes grupos de leitores. Além disso, foi observado que, independentemente da condição intelectual, os indivíduos considerados maus leitores poderiam apresentar as mesmas dificuldades de processamento fonológico (problemas em manipular mentalmente os sons das palavras faladas), semelhantemente àqueles diagnosticados com Dislexia do Desenvolvimento (STANOVICH; SIEGEL, 1994).

Com o intuito de conciliar essas visões, a quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria - DSM-5 (APA, 2013) passou a adotar o termo "Transtorno Específico de Aprendizagem com prejuízo na Leitura" (315.00 - DSM-V) nomeado por outras fontes como "Dislexia do Desenvolvimento" (SNOWLING, 2001; BDA, 2007).

A definição do DSM-5 considera que o termo "Transtorno Específico de Aprendizagem com prejuízo na Leitura" refere-se a um padrão de dificuldades que se manifesta, principalmente, por problemas com a leitura de palavras, que se faz de forma imprecisa, lenta e com esforço e que tenha persistido por, pelo menos, 06 meses apesar da oferta de intervenções destinadas a mitigar essas dificuldades. Além disso, baixo desempenho acadêmico para a idade ou desempenho médio sustentável apenas por níveis extraordinariamente altos de esforço ou de apoio pedagógico são observados como bons indicadores do quadro. A dislexia é uma condição neurobiológica complexa com manifestações neurocognitivas e psicolinguísticas variáveis e, geralmente, é entendida de várias formas, a depender de quem a analisa, como organizações educacionais, médicas ou clínicas e, mesmo, governamentais. Mas, apesar das muitas diferenças, a maioria das descrições admite uma característica comum: a dificuldade em reconhecer, com precisão e velocidade, palavras escritas, sejam elas familiares ou não. A dislexia pode ser considerada um transtorno do neurodesenvolvimento relacionado a diferentes componentes fonológicos da linguagem. Alterações do processamento visual, não raramente estão presentes e configuram com as do processamento fonológico, subtipos diferentes de dislexia. A DD caracteriza-se, então, pela presença de déficit na decodificação fonológica, podendo também ocorrer prejuízos na organização visoespacial do código linguístico. Esses prejuízos de processamento afetam a alfabetização e o desenvolvimento da leitura automática e precisa e, também, da escrita ortográfica. Além disso, podem ocorrer déficits de memória e velocidade de processamento da informação linguística (MOUSINHO et al., 2020). Diante de tantas dificuldades, é esperado que na dislexia ocorram comprometimentos na compreensão da leitura, mesmo na ausência de prejuízos da compreensão da linguagem oral.

Causa da Dislexia do Desenvolvimento

Embora, a DD seja comumente considerada uma condição inata e persistente (BDA, 2007; CASSIDY, 2019), evidências atuais apoiam a noção de que existem fatores ambientais e genéticos que contribuem para a expressão das dificuldades de leitura, de modo geral (FLETCHER et al., 2019). Ao longo do tempo, definições da DD que contemplaram a sua natureza constitucional e neurológica reconheceram o risco neurobiológico relacionado a fatores hereditários e a consequente dificuldade em desenvolver os sistemas neurais necessários para mediar uma habilidade complexa como a leitura.

Contudo, conclusões precipitadas e extremas podem estar equivocadas à medida que se baseiam em suposição insustentável de que a DD é uma condição imutável. O determinismo excessivo quanto à etiologia neurobiológica da DD pode desencorajar as intervenções e o monitoramento da evolução do escolar com dislexia. A DD é uma condição hereditária,

mas pode ser influenciada por fatores ambientais de proteção como, por exemplo, o nível de letramento do meio familiar. Segundo uma perspectiva abrangente e ecológica, é possível que diante do maior ou menor risco para a DD, com maior ou menor capacidade de reorganização cerebral para ler, se ofereçam, ou não a melhor, e mais precoce estimulação de habilidades relacionadas à leitura. Contextos variados dependentes da interação de fatores genéticos e ambientais podem responder pela mitigação das manifestações da DD, ao longo da vida escolar.

Características da Dislexia do Desenvolvimento

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) a prevalência de transtornos de aprendizagem é de 5 a 15% entre crianças em idade escolar, em diferentes idiomas e culturas. Estima-se que até 5% da população brasileira apresenta DD (NAVAS; WEINSTEIN, 2008). Portanto, mais de 8 milhões de pessoas convivem com o problema. A DD se apresenta de forma peculiar em cada indivíduo. Contudo, de forma geral, alguns sinais característicos e recorrentes em diferentes momentos da vida podem indicar risco considerável de Dislexia do Desenvolvimento. Após atenção ou intervenção especializada, o quadro poderá, ou não, ser confirmado.

Os possíveis sinais são (SHAYWITZ, 2005):

NOS ANOS PRÉ-ESCOLARES

- Problemas para aprender rimas infantis comuns, como “balão e mão”;
- Dificuldade em aprender (e lembrar) os nomes das letras do alfabeto;
- Parece incapaz de reconhecer letras em seu próprio nome;
- Pronuncia mal palavras familiares;
- Problemas para aprender ou reconhecer padrões de rimas infantis comuns, como “balão e mão, gato, pato, rato”;
- História familiar de dificuldades de leitura e / ou de escrita ortográfica (dislexia geralmente ocorre em famílias).

NO INÍCIO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dificuldades

●Erros de leitura que não mostram nenhuma relação com os sons das letras na página (ex.: dirá "cachorrinho" em vez da palavra escrita "cachorro" em uma página ilustrada com a foto de um cachorro);
●Não entende que as palavras se separam na fala encadeada, nem visualmente;
●Queixa-se de como a leitura é difícil; "Desaparece" quando é hora de ler;
●História de problemas de leitura em pais ou irmãos;
●Não consegue pronunciar nem mesmo palavras simples como "gato, mapa, bola";
●Não associa letras a seus respectivos sons.
Potenciais
●Curiosidade;
●Grande imaginação;
●No geral, excelente compreensão de histórias contadas oralmente;
●Capacidade de descobrir coisas; pega a essência das coisas;
●Interesse por novas ideias;
●Maturidade surpreendente;
●Vocabulário maior que o típico para a faixa etária;
●Gosta de resolver quebra-cabeças;
●Talento para construir modelos;
●Excelente compreensão auditiva de histórias lidas ou contadas.

ENSINO MÉDIO

Leitura

●A leitura ainda é um processo lento;
●Problemas para ler palavras desconhecidas, muitas vezes dando palpites errados, porque não consegue pronunciar certas palavras;
●Não parece ter uma estratégia para ler palavras novas;
●Evita ler em voz alta.
Linguagem Oral
●Procura uma palavra específica e acaba usando uma linguagem vaga, como "coisa", sem nomear o objeto;
●Faz uma pausa, hesita e / ou usa muitas interjeições (ex.: ham, hum) ao falar;
●Confunde palavras que parecem semelhantes (ex.: pato, bato tato);

●Má pronúncia de palavras longas, desconhecidas ou complicadas;
●Parece precisar de mais tempo para responder às perguntas.
Escola e Vida
●Dificuldade em lembrar datas, nomes, números de telefone, listas aleatórias;
●Esforço para terminar os testes a tempo;
●Dificuldade no aprendizado de uma segunda língua;
●Ortografia ruim;
●Letras irregulares;
●Baixa autoestima, nem sempre, observável.
Potenciais
●Excelentes habilidades de pensamento: conceituação, raciocínio, imaginação, abstração;
●Aprendizagem melhor alcançada por meio do acesso ao significado, em lugar da simples memorização;
●Capacidade de compreender o "quadro geral" de situações;
●Alto nível de compreensão do que é lido para ele;
●Capacidade de ler e compreender palavras de alta frequência de aparecimento, sobretudo as de área de especial interesse (ex.: ao apresentar muito interesse em cozinhar, a leitura de materiais sobre o assunto será realizada com maior desenvoltura); o vocabulário passa a ser restrito. É adquirido de determinadas áreas, de maior interesse e facilidade, o que restringe a leitura a textos de conteúdos que pouco variam;
●Pode destacar-se em áreas não dependentes da leitura, como matemática, computadores e artes visuais, ou em assuntos mais conceituais, incluindo filosofia, biologia, estudos sociais, neurociência e escrita criativa.

JOVENS E ADULTOS

Leitura

●Histórico de dificuldades de aprendizado da leitura e da escrita;
●Embora a leitura tenha se desenvolvido ao longo do tempo, ainda requer grande esforço e é lenta para a maioria dos materiais - livros, manuais, legendas em filmes;
●Raramente lê por prazer;
●Evita ler em voz alta.
Linguagem Oral
●Não raramente, pronuncia nomes de pessoas e lugares incorretamente;
●Dificuldade em lembrar nomes de pessoas e lugares; confunde nomes semelhantes;

●Esforço frequente para evocar palavras;
●Pode demorar mais a responder em conversas;
●O vocabulário expressivo é menor que o vocabulário compreendido;
●Evita dizer palavras que podem ser pronunciadas incorretamente.
Vida escolar
●Apesar das boas notas, apresenta baixa autoestima, intitulando-se como menos capaz;
●Penalizado por testes de múltipla escolha;
●Frequentemente sacrifica a vida social para estudar;
●Apresenta fadiga extrema ao ler;
●Desempenha com muito esforço as tarefas rotineiras de escritório.
Potenciais
●Mantém os pontos fortes observados durante os anos de idade escolar
●Demonstra alta capacidade para aprender;
●Mostra melhora notável quando recebe tempo adicional em exames de múltipla escolha;
●Demonstra excelência quando focado em uma área altamente especializada, como medicina, direito, políticas públicas, finanças, arquitetura ou ciências básicas;
●Excelentes habilidades de escrita se o foco estiver no conteúdo, não na ortografia;
●Altamente articulado ao expressar ideias e sentimentos;
●Talento para conceitualização de alto nível e capacidade de chegar a ideias originais.

Avaliação e diagnóstico da Dislexia

Embora preditores como o baixo desempenho em tarefas envolvendo o processamento fonológico da linguagem, aos 4 anos de idade, apontem o risco de um futuro quadro como a DD, seu diagnóstico pode ser observado ao final do 2º ano do Ensino Fundamental, pois ele exige um período mínimo de exposição ao aprendizado formal da leitura e da escrita sem o sucesso esperado. A avaliação que pode levar ao diagnóstico de DD deve ser multidisciplinar, dada a complexidade de habilidades e funções cognitivas e de linguagem envolvidas no aprendizado e desenvolvimento da leitura e da escrita. Inicialmente, as informações são obtidas a partir do relato de pais e professores com a finalidade de compreender o desenvolvimento, os sinais e as oportunidades educacionais oferecidas ao aprendiz. Em seguida, investigam-se possíveis alterações visuais, auditivas e neurológicas. Por fim, uma bateria de testes é aplicada para identificar pontos fortes e fracos em habilidades cognitivo-linguísticas, que podem ser característicos da presença de Dislexia do Desenvolvimento ou de outro quadro de Transtorno de Leitura e da Escrita. São vários os aspectos considerados em uma avaliação são:

- Entrevista com os pais e com a escola
- Nível de inteligência
- Habilidades de linguagem oral e funções executivas
- Vocabulário
- Memória fonológica operacional
- Consciência fonológica
- Acesso fonológico ao léxico mental
- Decodificação e reconhecimento automático de palavras escritas
- Fluência de leitura
- Compreensão de leitura
- Ortografia e produção de textos escritos

A avaliação eficaz de um estudante que apresenta dificuldades de leitura e ortografia é fundamental, pois:

- Estabelece a hipótese diagnóstica correta, pela identificação dos fatores causadores do problema, e determina o perfil de habilidades fortes e de fragilidades que deve se ajustar à definição e caracterização da DD;
- Permite o planejamento da intervenção terapêutica que, geralmente envolve a aplicação de programas de estimulação de habilidades auditivas, cognitivas e de linguagem ligadas ao aprendizado do princípio alfabético e do desenvolvimento das competências de leitura e escrita;
- Documenta a história dos pontos fortes e fracos do percurso acadêmico, auxilia o monitoramento da evolução do quadro durante o processo terapêutico e de ensino-aprendizagem, define a elegibilidade para serviços especiais e a seleção e indicação de adaptações para o aprendizado, desde o Ensino Fundamental até o Superior ou, ainda, para atividades profissionais no trabalho.

Legislação

Atualmente, não existe uma Lei específica que aborde os direitos dos alunos com dislexia. Porém, vários documentos oficiais mencionam os direitos de todos os alunos.

Um exemplo disso é o artigo 205 da Constituição Federal de 1988 que estabelece a educação como "direito de todos e dever do Estado e da família". O objetivo da educação brasileira é "o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

O Estatuto da criança e do adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), no artigo 53, estabelece que seja garantido o direito à educação para o desenvolvimento do sujeito, seu preparo para o trabalho e exercício da cidadania. Para tanto, devem ser assegurados:

> I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
> II - direito de ser respeitado por seus educadores;
> III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
> IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;
> V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.
> V - acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica. (Redação dada pela Lei nº 13.845, de 2019)
> Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96),em seu artigo 3º. , assegura que o ensino deve ocorrer com: "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber." Além disso, deve haver "respeito à liberdade e apreço à tolerância, garantia de padrão de qualidade e do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida". O artigo 24 da mesma lei define que a avaliação do desempenho do aluno deve ser "contínua e cumulativa" com predomínio "dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais". Prevê ainda o direito à recuperação paralela durante o período letivo nos casos em que houver necessidade.

Atualmente há um projeto de lei (PL 3517/2019) que dispõe sobre o acompanhamento de alunos com Transtornos de aprendizagem ou Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). O programa envolve acompanhamento específico para alunos da rede pública e privada em parceria com profissionais da rede de saúde, além de apoio da área de assistência social, e capacitação docente para a identificação precoce destes transtornos.

Com base nos documentos oficiais apresentados, verifica-se que todas as adaptações propostas ao aluno com dislexia são fundamentadas em preceitos legais, ou seja, são direitos que o assistem. Por isso, há que se lançar mão de adaptações curriculares, mudanças nos métodos de ensino, modificação na forma, periodicidade e instrumentos de avaliação utilizados, bem como na construção de uma relação dialógica com o aluno. O objetivo é conhecer suas necessidades e o que pode ser feito para facilitar seu acesso às informações com consequente construção de conhecimento. O intuito é que o aluno possa aprender e mostrar o que sabe.

Ações ao disléxico em casa

Para que a criança/jovem com dislexia possa superar suas dificuldades, é essencial que a sua família:

- Enfatize os seus potenciais;
- Não puna ou faça ameaças por conta do mau desempenho escolar;
- Estimule as habilidades de consciência dos sons das palavras;
- Estimule a prática do ler e escrever;
- Escolha o melhor horário e um local adequado para a realização de atividades de leitura e escrita;
- Acompanhe de perto a vida escolar;
- Evite comparações;
- Mantenha-se em contato com a escola e com os profissionais que acompanham o caso.

Orientações aos professores sobre ações e manejo da dislexia na escola

Entre as adaptações e ações capazes de beneficiar o aluno com dislexia, é fundamental:

- Proporcionar tempo extra nas provas, porque a leitura é lenta e trabalhosa, uma vez que o disléxico não utiliza os caminhos neurais mais automatizados.
- Encontrar informações alternativas para o texto original – documentários, filmes, sinopses de livros, histórias em quadrinhos, e outras, favorecendo a aproximação do leitor inábil ao processo de compreensão do texto formal.
- Utilizar imagens visuais, guias visuais e esquemas conceituais, que facilitem a aprendizagem das informações escritas através de sua formatação visual.
- Não considerar falhas ortográficas como erros, mas sim como deslizes fonológicos e falhas da memória de trabalho que dificultam a construção da memória ortográfica das palavras.
- Isentar a língua estrangeira como matéria para avaliação - considerando que a dislexia reflete um déficit fonológico no processamento da linguagem em língua materna, será ainda mais difícil em uma segunda língua.
- Enfatizar os conceitos gerais, e não os detalhes – esta abordagem favorece a aprendizagem dos alunos com dislexia porque permite usar a razão e análise, ao invés de memorizar informações isoladas como datas e lugares, que dependem das habilidades de memória de rotina e habilidades fonológicas.
- Proporcionar um ledor e um ambiente tranquilo durante as

avaliações para garantir a segurança emocional e consequente melhor desempenho. Assim, um aluno com dislexia terá oportunidade de participar ativamente em sua vida escolar, sem rebaixar sua autoestima.

●Nas provas e outras atividades avaliativas, deve-se utilizar escrita mais acessível, evitando uso de voz passiva e escrita indireta. Além disso, os parágrafos devem ser mais curtos. Isso beneficiará todos os alunos.

Para que o aluno possa compreender o texto, deve-se orientá-lo a:

●Analisar o título, as imagens, as legendas. Formular perguntas a partir desta análise inicial que serão confirmadas ou não ao longo da leitura.

●Processar os textos, partindo do título aos parágrafos e ao texto completo: conceituar o significado de cada etapa leitora, pesquisar, questionar, encontrar respostas no texto para as perguntas, revisar os pontos principais, ler em voz alta as informações, certificar-se da exatidão de suas respostas.

●Destacar as palavras que não consegue pronunciar na leitura, para facilitar a decodificação e o reconhecimento.

Vale ressaltar que o estudante com Dislexia do Desenvolvimento, que alcançou o Ensino Superior, pode enfrentar experiências difíceis com o surgimento de novas e complexas demandas ao ingressar em uma universidade. Sem o aporte de instrumentos e estratégias que possibilitem seu aprendizado, esse estudante pode experimentar frustrações devido a experiências universitárias negativas e apresentar sentimentos de isolamento, solidão, estresse, ansiedade, tristeza, cansaço, desânimo, depressão e opressão. Na prática, os alunos com DD, por medo de serem estigmatizados e incompreendidos, muitas vezes sentem-se envergonhados para fazer perguntas e preferem se omitir em situações que são cruciais ao seu aprendizado - e, consequentemente, à sua formação acadêmica. Devido às dificuldades apresentadas durante as atividades em sala de aula, a adoção de recursos audiovisuais em atividades presenciais, uso de instruções claras em vários formatos, trabalho opcional em grupo, orientação por pares, materiais acessíveis digitalmente e abordagens de ensino variadas e flexíveis são úteis à adaptação desse aluno em seu cotidiano acadêmico.

A compreensão e adoção dos preceitos da neurodiversidade pelas Instituições de Ensino Superior podem representar o melhor caminho, para aluno e IES, para lidar com as demandas advindas de universitários com DD, entre outros transtornos do neurodesenvolvimento. O reconhecimento de diferenças neurofisiológicas, como um entre outros aspectos que garantem a individualidade de cada Ser humano, permite verificar não apenas déficits

que aumentam os desafios encarados no ambiente universitário, mas também identificar potenciais que constroem uma identidade resiliente, fator essencial ao sucesso acadêmico do aluno com dislexia.

Assim, sem se furtar ao fato de que as pessoas são diferentes socialmente, a Academia tem em mãos os meios para instigar mudanças capazes de mitigar muitos obstáculos causados por deficiência, que criam dependência do outro, sem atividades autônomas. (UNCRPD, 2006).

Dentre as possíveis ações influenciadas pela neurodiversidade, temos:

- O incentivo à divulgação e subsequente avaliação para confirmar quadros dislexia dos alunos. A ocultação da dislexia costuma ser alimentada pelo medo da estigmatização, segregação do grupo e receio em não conseguir um bom desempenho acadêmico. Em alguns casos, as deficiências são reveladas quando não há mais condições de se cumprir as atividades sem um apoio específico, ocasionando uma pior experiência universitária. Os educadores e os demais membros da instituição de ensino dependem das informações fornecidas pelos alunos e seus pais para implementar ações mais eficazes e assertivas.
- Adesão a ajustes oferecidos pela Instituição de Ensino a fim de tornar a experiência dos alunos com dislexia mais positiva. Por exemplo, suporte fora da classe, suporte em classe, tempo extra para cursos, ajustes de exames, acesso a um centro de recursos, permissões para gravar aulas, captura de palestras e tecnologia assistiva podem beneficiar o aprendizado.
- A adoção de atitudes e expectativas acadêmicas compatíveis às possibilidades do aluno com dislexia podem desafiá-lo e contribuir ao seu aprendizado. Dessa forma, a ênfase na escrita de avaliações, com foco na gramática, ortografia e pontuação podem penalizar esses alunos. O destaque aos aspectos positivos da produção escrita do aluno, implicando na expressão dos conteúdos solicitados, por exemplo, valorizam seu potencial e o motivam à continuidade do empenho no processo de aprendizagem.
- Apoio emocional, instrumental, informativo e de avaliação (de funcionários da faculdade, conselheiros, amigos e família) amortece o estresse relacionado e facilita o sucesso acadêmico. Além disso, financiamento para acessar assistência de auxiliar de biblioteca, orientação, assistência de revisão, suporte de exame, suporte para anotações, ajuda para redação de ensaios e relatórios e suporte para matemática e estatística podem ser apoios fundamentais à constituição de uma rede para o sucesso acadêmico do aluno com DD.

Principalmente, os estudantes com DD precisam ser diagnosticados de forma adequada e esclarecidos quanto às implicações de seu diagnóstico, devendo ser destacado todo o seu potencial para um futuro gratificante. Além disso, esses estudantes se beneficiam e normalmente requerem tempo extra nos testes, bem como um espaço silencioso para realizá-los, usando, sempre que possível, a tecnologia de conversão de texto em voz e fazendo anotações em um laptop.

Com essas adaptações o estudante poderá efetivamente demonstrar o que sabe e a IES poderá auxiliá-lo no processo de construção de seu fazer profissional.

Para ilustrar esse conteúdo, vale a pena assistir os Filmes:

Como Estrelas na Terra

Sinopse: O filme apresenta, por meio da história de Ishaan de 8 anos, as questões relacionadas à dislexia, aborda as atitudes da família e da escola diante de suas características e por fim apresenta abordagens para proporcionar o desenvolvimento de todas as potencialidades de Ishaan.

O sino de Anya

Sinopse: Anya é uma mulher com deficiência visual, que coleciona sinos e que sempre foi cuidada pela sua mãe que a superprotegia e não a deixava sair de casa. Quando sua mãe morre, Anya faz amizade com um entregador, um menino de 12 anos, Scott Rhymes, que tem dificuldades escolares. Juntos encontram caminhos para lidar com os desafios que enfrentam.

Referências

American Psychiatric Association: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition. Arlington, VA, American Psychiatric Association; 2013.
BRASIL. Constituição Federal (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 10 ago.2020

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394 .pdf>. Acesso em: 10 ago.2020

BRASIL. Lei (PL) nº 3517/2019. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem.. Disponível em <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/137302/pdf>, Acesso em 19 ago. 2020.

British Dyslexia Association. (2007). Definition of dyslexia. http://www.actiondyslexia.co.uk/view-article/Defining-Dyslexia
Cassidy, B. (2019). Cassidy criticizes academic integrity of NCIL dyslexia report created with department of education funds. https://www.cassidy.senate.gov/newsroom/press-releases/cassidy-criticizes-academic-integrity-of-ncil-report-createdwith-department-of-education-funds

Clouder L, Karakus M, Cinotti A, Ferreyra MV, Fierros GA, Rojo P. Neurodiversity in higher education: a narrative synthesis. Higher Education. 07 june 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10734-020-00513-6>.
Fletcher, J. M., Lyon, G. R., Fuchs, L. S., & Barnes, M. A. (2019). Learning disabilities: From identification to intervention (2nd ed.). Guilford Press.

INSTITUTO ABCD. Todos Entendem: conversando com os pais sobre como lidar com a Dislexia e outros Transtornos Específicos de Aprendizagem. 2015.
International Dyslexia Association. IDA Dyslexia Handbook: What Every Family Should Know. Baltimore, 2019.

Miciak J, Fletcher JM. The Critical Role of Instructional Response for Identifying Dyslexia and Other Learning Disabilities. Journal of Learning Disabilities. 2020. Disponível em: <https://doi.

org/10.1177/0022219420906801>.

Mousinho R, Alves LM, Navas AL, Salgado-Azoni C, Celeste LC, Capellini SA, Avila CB, Santos FH. Leitura, Escrita e Matemática: do desenvolvimento aos transtornos específicos de aprendizagem. Instituto ABCD, 2020

Navas AL, Azoni CS, Oliveira DG, Borges JPA, Mousinho R (Org.). Guia de boas práticas: do diagnóstico à intervenção de pessoas com transtornos específicos de aprendizagem. São Paulo: Instituto ABCD, 2017.

Navas ALP, Weinstein MB. Distúrbio específico de leitura (dislexia): debates necessários. Rev. CEFAC. 2009 Out-Dez; 11(4):545-736 https://doi.org/10.1590/S1516-18462009000800002

Shaywitz S, Shaywits J. Overcoming Dyslexia. 2ª. ed. Vintage Books – New York, 2005.

Snowling M. Developmental Dyslexia. Current Paediatrics. 11:10-13, 2001. Disponível em: <doi:10.1054/cupe.2000.0135>.

Snowling M, Hulme C. (1989). A longitudinal case study of developmental phonological dyslexia. Cognitive Neuropsychology, 6(4), 379–401. https://doi.org/10.1080/02643298908253289

Snowling MJ, Hulme C, Nation K. (2020) Defining and understanding dyslexia: past, present and future, Oxford Review of Education, 46:4, 501-513, DOI: 10.1080/03054985.2020.1765756

Stanovich, K. E. (1986). Matthew effects in reading: Some consequences of individual differences in the acquisition of literacy. Reading Research Quarterly, 21(4), 360–364. https://doi.org/10.1177%2F0022057409189001-204

Stanovich, K. E., & Siegel, L. S. (1994). Phenotypic performance profile of children with Reading disabilities: A regression-based test of the phonological-core variable-difference model. Journal of Educational Psychology, 86(1), 24–53. https://doi.org/10.1037/0022-0663.86.1.24

United Nations (2006) Convention in the Rights of Persons with Disabilities. https://www.un.org/development/desa/disabilities/convention-on-the-rights-of-persons-with-disabilities.html.

Dr. Pablo Felicio Nepomuceno

Fonoaudiólogo, Doutor em Ciências aplicadas à Pediatria pela UNIFESP, Técnico Administrativo em Educação do Departamento de Fonoaudiologia da Escola paulista de Medicina - UNIFESP

Profa. Dra. Marisa Sacaloski

Fonoaudióloga e Pedagoga, Doutora em Ciências - Campo Fonoaudiológico pela UNIFESP, Professora Adjunta do Departamento de Fonoaudiologia da Escola Paulista de Medicina - UNIFESP

Profa. Dra. Clara Regina Brandão De Ávila

Fonoaudióloga, Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana - Campo Fonoaudiológico pela UNIFESP, Professora Associada do Departamento de Fonoaudiologia da Escola Paulista de Medicina – UNIFESP

Portal da Acessibilidade

www.acessibilidade.unifesp.br

UNIFESP

Universidade Federal de São Paulo

1933